

O PROBLEMA DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA MODERNA

Urbano Zilles

A filosofia patristica e medieval é, de certa maneira, cristã. Seu problema central não é, propriamente, a natureza física, mas o homem. E a antropologia cristã é teocêntrica, i.é, nela Deus é o princípio e o fim do homem, seu sentido último e sua razão de ser. Por isso, fundamenta as verdades humanas no próprio Deus. A gnosiologia é teo-lógica. Mas, no fim da Idade Média, surge a crise que leva à transição de uma gnosiologia teo-lógica para uma gnosiologia antropológica. A explicação última da realidade, ou seja, da verdade, já não é mais Deus. O acesso ao mundo não mais se faz através de Deus, mas pelo caminho (método) das ciências experimentais, racionais, i.é, através da análise e verificação científica. Agora a razão humana está sozinha consigo mesma e perante o mundo. A nova explicação filosófica doravante se deverá basear no próprio homem. Os novos critérios são a racionalidade e a objetividade. Esses criam atitudes e um comportamento crítico do homem moderno. Nas filosofias modernas, a tarefa crítica é realizada, sobretudo, a partir de Descartes e Kant.

Nos tempos modernos, não excluindo Hegel, o problema do conhecimento humano tornou-se o problema central da filosofia. Surge uma disciplina chamada "teoria do conhecimento", "gnosiologia", "crítica", "epistemologia" etc. Com luz profunda começou a explorar-se um setor da pessoa humana, i.é, a interioridade como sujeito conhecente. O sujeito como conhecente passou a ser o centro novo e rico da filosofia e sua limitação implica em graves conseqüências.

1. O problema do método

No fim da Idade Média, o homem começou a ocupar-se do mundo, sem referência explícita a Deus. Isso não significa, em si, que nega a realidade de Deus e da fé. Afirma apenas que Deus e as verdades da fé não são fenômenos verificáveis e mensuráveis pelos métodos das ciências. Essas realidades situam-se numa outra dimensão, diferente daquela homem-mundo. Depois de desmoroçada a base teológica do conhecimento humano racional, o homem se sente só no universo. Sente-se sozinho dian-

te da penosa tarefa de forjar uma visão da realidade, sem outra garantia que sua própria razão. Começa a nascer o homem moderno. Esse lança-se direto à natureza exterior. Desta forma nascem as ciências naturais ou também chamadas positivas. Com Galileu, Newton, Kepler e outros abre-se um novo horizonte no mundo das ciências. As novas ciências se caracterizam pela expressão simbólico-matemática.

No século XVI alargaram-se os horizontes geográficos do mundo. A atmosfera intelectual do Renascimento e do Humanismo caracteriza-se como verdadeira efervescência. Tradições antigas são contestadas e nasce um grande ceticismo. Avolumam-se novos conhecimentos da natureza. Mas qual é o valor desses conhecimentos? Que critérios garantem sua verdade? Não mais se podia recorrer a Deus como garantia última. A filosofia e as ciências colocam-se como tema central a questão do método: Qual o caminho que nos leva à verdade de toda e qualquer ciência? Essa pergunta orientará a filosofia moderna sobretudo a partir de René Descartes.

O problema do método caracteriza a origem da ciência moderna. Leva o homem, voltado para o estudo da natureza, a uma interiorização reflexiva. Desde cedo delineiam-se duas respostas, dois métodos, que entram no campo da disputa do pensamento: o racionalismo (Descartes, Malebranche, Espinosa, Leibniz) e o empirismo (Francis Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley e Hume).

Para o empirismo, a verdade tem por norma e origem unicamente a experiência do mundo dos fatos. É um método radicalmente aposteriorístico. Para o racionalismo, a verdade tem por única norma e origem a razão, sem necessidade de recorrer à experiência do mundo dos fatos. Esse método também poderia ser chamado apriorístico. Ambas as correntes filosóficas dão, pois, certo primado ao problema do conhecimento, criticando as próprias fontes do mesmo (experiências ou razão).

Na filosofia moderna predomina a corrente do racionalismo. Nasceu na expressão de René Descartes (1596-1650), chegando ao auge de seu desenvolvimento crítico com Kant (*Crítica da Razão Pura*), com os idealistas alemães Fichte, Hegel e Schelling. Aqui nos limitaremos a expor alguns aspectos do problema do conhecimento em René Descartes, que foi celebrado como o filósofo do método (*Discurso do Método*). Descartes busca os recursos para recuperar a certeza científica na razão, encarnada de maneira exemplar pela matemática.

2. René Descartes e o problema do método

Descartes fora educado na filosofia escolástica de seu tempo. Essa já se encontrava em decadência, em crise. Inaugurou uma nova época na filosofia, vindo a ser o pai da filosofia moderna. Na origem de seu pensamento está a questão do método.

Descartes dedicou-se ao estudo da física, da matemática, da medicina e da filosofia. Sentiu-se atraído pelos métodos exatos e seguros dessas ciências, sobretudo da matemática. Quis encontrar um método igualmente

seguro para a filosofia, pois estava convencido que a verdade existe e pode ser atingida pelo homem. Mas é preciso descobrir como. Percebeu que, se a filosofia quiser ser científica, ou seja, universal, necessária e imutável, deverá procurar uma nova base mais sólida, a exemplo da lógica das conclusões matemáticas. A base teológica fora abalada definitivamente.

2.1. O ponto de partida cartesiano

O ponto de partida de Descartes é a dúvida metódica e universal. Sentiu-se como quem deve começar tudo a partir de um ponto absolutamente zero. Seu primeiro passo foi questionar as opiniões tradicionais, herdadas da Antiguidade e da Idade Média para, com mente limpa, pensar de uma maneira nova. Reconheceu que os fundamentos da filosofia tradicional estavam abalados até os alicerces. Seria necessário construir novos fundamentos mais sólidos. Para isso seria necessário proceder com toda a prudência e segurança. "...como um homem que anda só e nas trevas, resolveu ir tão lentamente, e usar de tanta circunspeção em tudo que, embora não avançasse senão muito pouco, evitaria pelo menos cair" (1).

Descartes começou por examinar todo o repertório do conhecimento humano: "Nutri-me de Letras desde a minha infância, e porque me tinha persuadido que, por meio delas, se pode adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, tinha um enorme desejo de as aprender. Mas logo que terminei este ciclo de estudos no termo do qual é costume ser-se acolhido na categoria dos doutos, mudei inteiramente de opinião: porque me encontrava embaraçado com tantas dúvidas e erros, que me parecia não ter tirado outro proveito ao procurar instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância" (2). Mais adiante continua escrevendo: "Eu sabia que as línguas que nelas (nas escolas) se aprendem, são necessárias para a compreensão dos livros antigos; que a gentileza das fábulas desperta o espírito que as ações memoráveis da história exaltam; e que a leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as mais honestas pessoas dos séculos passados, que foram seus autores, e mesmo uma conversa preparada, na qual eles nos revelam senão os seus melhores pensamentos; que a eloquência tem forças e beleza incomparáveis; que a poesia tem delicadezas e suavidades deleitosas; que as matemáticas têm invenções muito sutis, e que podem servir muito, tanto para satisfazer os curiosos, como para facilitar todas as artes e diminuir o trabalho dos homens; que os escritos que tratam dos costumes contêm muitos ensinamentos e exortações à virtude que são muito úteis; que a teologia ensina a ganhar o céu; que a filosofia ensina a maneira de falar com verossimilhança de todas as coisas; que a jurisprudência, a medicina e as outras ciências trazem honras e riquezas a quem as cultiva; e finalmente que é bom tê-las examinado todas, mesmo as mais supersticiosas e as mais falsas, a fim de conhecer o seu justo valor, e de evitar o ser-se enganado por elas" (3).

Descartes começa a dúvida por uma decisão. É a chamada dúvida hiperbólica, i.é, sistemática e generalizada, tratando como falso o que apenas é duvidoso. O primeiro grau da dúvida é o argumento do erro do sentido. Descartes escreve: "Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez" (4).

A dúvida levada tão a sério obriga-o a suspender, ao menos provisoriamente, o assenso a todos os conhecimentos sensíveis. Contudo essa dúvida encontra seu limite, pois "a aritmética, a geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm algumas coisas de certo e indubitável. Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco (...) e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza" (5).

Por outro lado, também as informações da consciência, como o sentimento de estar sentado à uma mesa nos pode enganar, pois, às vezes, sonhamos isso. Por isso o segundo argumento é o do sonho. Esse argumento estende a dúvida a todo o conhecimento sensível. Também as verdades demonstradas e mais evidentes como o quadrado tem quatro lados pode ser engano, pois "se repugnasse à sua (de Deus) bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe contrário permitir que eu me engane algumas vezes, e, no entanto, não posso duvidar de que ele me permita" (6). Talvez a idéia de um Deus bom não passe de uma fábula. E Descartes universaliza a dúvida: "Sou obrigado a confessar que, de todas as opiniões que recebi outrora em minha crença como verdadeiras, não há nenhuma da qual não possa duvidar atualmente" (7). Radicalizou a dúvida pelo artifício psicológico da função do gênio maligno: "Suporei, pois, que há, não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me" (8).

2.2. O "cogito" cartesiano

Descartes chegou à conclusão de que se pode duvidar de todos os conhecimentos humanos. Não há nada de tão indubitável que se imponha à nossa inteligência a ponto de tornar impossível qualquer dúvida a respeito? Duvida do que atestam os sentidos, que são a maior fonte de nossas opiniões, pois enganam-nos muitas vezes. Ora, se a verdade não pode ser encontrada no mundo exterior só resta o mundo interior da consciência. E nesse plano coloca-se a questão da dúvida metódica como meio para atingir a manifestação evidente da realidade mais fundamental. Essa dúvida é universal não propriamente no sentido objetivo, mas sub-

jetivo, i.é, enquanto esforço para duvidar o mais radicalmente possível. Descartes duvida de tudo que examinou até o momento (9). Objetivamente essa dúvida de fato não se estende a tudo, como logo veremos. Justamente no momento da dúvida universal surgiu algo de novo, uma vida nova, uma nova luz: "Finalmente, considerando que os pensamentos que temos quando acordados, nos podem ocorrer também quando dormimos, sem que neste caso nenhum seja verdadeiro, resolvi supor que tudo o que até então encontrara acolhimento no meu espírito, não era mais verdadeiro que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo em seguida, notei que, enquanto assim queria pensar que tudo era falso, eu, que assim o pensava, necessariamente era alguma coisa. E notando que esta verdade — eu **penso, logo existo** — era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos cétricos seriam impotentes para abalar, julguei que a podia aceitar, sem escrúpulo, para o primeiro princípio da filosofia, que procurava" (10).

Descartes quer examinar os princípios sobre os quais se baseiam nossas opiniões. Portanto, seu objetivo não é a dúvida. A dúvida não é cética, mas metódica porque procede da seriedade de procurar a verdade. Não procede do propósito de duvidar de tudo. É uma dúvida teórica.

Descartes tenta desenvolver um pensar claro e distinto a partir do pensar matemático, pois a matemática é o centro das ciências modernas. Na filosofia quer estabelecer um método que garanta, com evidência, o valor de todas as ciências, tomando como modelo a matemática, que parte de princípios e depois progride dedutivamente. A matemática, por sua vez, remete ao problema do sujeito pensante que não mais é um problema matemático. Como primeiro princípio estabelece a seguinte regra: "Nunca admitir nenhuma coisa como verdadeira sem a reconhecer evidentemente como tal, i.é, evitar cuidadosamente a precipitação e os preconceitos, e só incluir nos meus juízos aquilo que se apresenta tão clara e distintamente ao meu espírito que não tenha nenhuma ocasião de o pôr em dúvida" (11). Conforme essa regra, o princípio primeiro deve ser evidente por si mesmo, i.é, intuitivo. A situação revela a idéia como "clara e distinta". Desta forma o "cogito, ergo sum" cartesiano significa o reconhecimento da intuição como meio autônomo de conhecimento. Em nossos atos do pensamento vivemo-nos, por uma auto-intuição imediata, imediatamente como reais, como existentes.

Descartes encontra esse conhecimento humano tão seguro e firme, que pode servir de ponto de partida e fundamento para os demais no "cogito". O "cogito" resiste ao esforço universal da dúvida, evidenciando-se, por isso, como fundamento primordial. Assim o "penso" como englobando também necessariamente a realidade do sujeito pensante tornou-se o protótipo da idéia clara e distinta. A dúvida, encontrando-se a si mesma, se destrói, ou seja, se transforma numa certeza incontestável: "Não posso duvidar de que duvido", ou seja, "se posso duvidar de tudo, não posso duvidar de minha dúvida". Em que consiste essa certeza?

Descartes escreve: "E tenho notado que nada há no **eu penso, eu existo**, que me garante que digo a verdade, a não ser que vejo muito claramente que para pensar é preciso existir, julguei que podia admitir como regra geral que é verdadeiro tudo aquilo que concebemos muito claramente e muito distintamente; havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as coisas que concebemos distintamente" (12).

A proposição cartesiana "eu penso, eu existo" é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou concebo em meu espírito, i.é, cada vez que penso nela atualmente. "Eu penso, eu existo" é certo por todo tempo que eu penso. Portanto, "nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, i.é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa" (13).

A originalidade de Descartes, na questão da dúvida metódica, está em querer fundar nessa certeza primordial todo o edifício da filosofia e de todo o saber humano. A partir dela usa a dedução, método redutivo a uma seqüência de intuições ligadas sucessivamente com clareza e distinção. A originalidade cartesiana não consiste, pois, tanto em chegar ao "penso; logo sou", através da dúvida, porque processo semelhante já fora empregado por Santo Agostinho (si fallor, sum).

Resumindo, a intuição imediata do meu ser no pensar, uma intuição que se me apresenta clara e distinta, me fornece o critério da evidência para o conhecimento verdadeiro.

2.3. O critério cartesiano da verdade

Como critério da verdade, Descartes tomou a "idéia clara e distinta". Isso significa: uma idéia que esteja clara em minha mente, cujo conteúdo, portanto, me é claro, e que posso distinguir de qualquer outra idéia, é uma idéia verdadeira. A idéia clara é uma percepção presente e aberta à atenção da mente. A idéia distinta é aquela que, sendo clara, de tal modo está separada e depurada de todas as outras, que não encerra em si absolutamente nada mais do que aquilo que é claro. A idéia clara e distinta por excelência será aquela que resiste a toda a dúvida. Aqui Descartes é de um racionalismo apriorístico extremo.

A idéia clara e distinta cartesiana apresenta quatro características: Indubitável, intuitiva, infalível e inata.

É impossível pôr em dúvida uma verdade, uma vez conhecida. A indubitabilidade pertence ao "penso, sou", pois é a própria dúvida que lhe fortalece a certeza. Mas é apenas um sinal subjetivo inseparável de outras propriedades, como a intuição. Essa é uma concepção firme que nasce num espírito são e atento, das simples luzes da razão. A intuição cartesiana é o conhecimento de uma verdade evidente, qualquer que seja sua natureza (real ou ideal), que serve de princípio ao raciocínio discursivo. Só a intuição, ato simples e puramente intelectual, é infalível

porque diz sempre e necessariamente o que é. Descartes distingue ainda três tipos de idéias: as idéias adventícias, que vêm de fora, sem nenhuma garantia da verdade objetiva; as idéias fictícias, que são elaboradas por nós mesmos, pelo juízo, sobre as precedentes; as idéias inatas, que são conaturais ao intelecto. Trazemo-las conosco ao nascer.

Para Descartes a idéia de Deus é inata. Deus a imprimiu em nossa consciência de criaturas. Basta ter a idéia do ser infinito e perfeitíssimo para admiti-lo como existente. Assim a existência de Deus marca a passagem da evidência imediata do "penso" à verdade objetiva, a superação dos limites da subjetividade, primeiro limite do conhecer. Funda a verdade objetiva do mundo sobre a existência de Deus. Deus é a garantia última do critério da evidência. Pode discutir-se se o Deus cartesiano é mais que puro ente da razão, o grande geômetra, autor das verdades matemáticas e da ordem no mundo. Mas, além da idéia de Deus, são inatas todas as outras noções originárias (princípios lógico-matemáticos, morais etc.). E aqui já seus contemporâneos viam um círculo vicioso em seu pensamento.

Com efeito, Descartes diz que uma idéia das idéias claras e distintas, que facilmente formamos, é a idéia de uma substância infinita, ou seja, a idéia de Deus. Logo, Deus existe. E se Deus existe, deve ser bom e veraz, ou seja, não pode querer enganar-nos. Portanto, Deus estruturou nossa inteligência de tal forma que ela não nos pode enganar, assim que, quando tenho idéia clara e distinta, essa idéia corresponde à verdade. Deus é veraz porque um ser infinitamente perfeito não pode errar nem enganar-se. Deste atributo segue que a nossa razão, porque vem de Deus, também não pode errar, desde que usemos bem dela e que "a certeza e a verdade de toda a ciência dependem do conhecimento de Deus", de tal maneira que antes de conhecer esta verdade se a pode atingir com perfeição (14).

O círculo vicioso está manifesto. Descartes prova a existência de Deus pressupondo a veracidade de nosso intelecto e, por outro lado, prova a veracidade do nosso intelecto pela veracidade e bondade de Deus. Portanto, Deus é afirmado porque já se aceita, de antemão, a veracidade de nosso pensamento, mas essa veracidade mesma é baseada na existência de Deus. Em outras palavras, prova-se Deus pela razão e, de outra parte, só Deus garante absolutamente o valor da razão. Ora, é impossível que, de duas afirmações, uma seja ao mesmo tempo fundamentada por aquela que ela deve fundamentar, como se fosse possível fundamento do seu próprio fundamento. Esse é o círculo vicioso cartesiano, que dá a impressão nítida de que a própria idéia de Deus aparece mais como uma exigência da fé que do pensamento filosófico.

2.4. A descoberta da subjetividade

Para Descartes não se trata de interpretar a natureza, mas de colocar o problema do conhecimento humano como tal. Com sua reflexão sobre

a dúvida, em busca de um fundamento novo e incontestável para o conhecimento humano, descobre a subjetividade no sentido moderno da palavra. Essa descoberta revoluciona toda a filosofia moderna e determinou uma nova era no pensamento filosófico. A descoberta cartesiana da subjetividade moderna é como uma gigantesca cortina de ferro a dividir a história da filosofia em duas grandes metades, i.é, os filósofos antigos e medievais ficam do lado de lá, e do lado de cá toda inteira a modernidade.

A dúvida metódica cartesiana, que não aceita como conteúdo de saber certo senão aquilo de que não podemos duvidar, leva a concluir que não há dado mais radical que o próprio pensamento. De nenhuma outra coisa posso dizer que basta pensá-la para que exista. O pensamento é dado a si mesmo. Pensar e existir aqui são a mesma coisa, pois "duvidar" significa parecer a mim que algo é duvidoso. Ora, parecer-me a mim algo e pensá-lo são a mesma coisa. Portanto, a dúvida não é senão um pensamento: "Duvido; logo, penso". Para duvidar da existência de um pensamento, devo, por força, pensar este pensamento, dar-lhe existência como pensamento; por conseguinte, com o mesmo ato com que pretendo suprimi-lo, o reponho na existência, o reafirmo como existente. Isso quer dizer que o pensamento é a única coisa no universo cuja existência não se pode pôr em dúvida, porque pôr em dúvida é pensar. As coisas que eu penso, poderão não existir fora, no universo exterior, porém que eu penso é indubitável. Portanto, para mim nada é indubitável senão o pensamento pelo qual penso a mim e as demais coisas. A única coisa indubitável é meu pensamento, ou seja, eu pensando o eu pensante: "Duvido, portanto, penso; penso; logo, sou". Eu sou, mas somente como pensante. Meu ser é indubitável, é somente meu eu pensante.

Nesta reflexão filosófica, a verdade primeira sobre a realidade tornou-se a seguinte: o pensamento existe. Já não mais partimos da realidade dos objetos exteriores ao pensamento, pois desses só podemos afirmar a realidade enquanto são pensamentos meus, i.é, enquanto são pensados por mim. O pensamento, o eu como pensante, tornou-se o centro e o suporte de toda a realidade. Minha mente dá uma realidade destrutível ao que ela pensa, se a tomo pelo que é primordialmente: idéia minha.

O fato de colocar como único fundamento seguro do conhecimento o homem como "eu pensante" — um fundamento antropológico — fez com que a filosofia moderna se emancipasse da teologia. Nem por isso se tornou atéia. Descartes era cristão. Tinha fé. Não negou a criação do homem por Deus. Mas, em seu método filosófico, a questão de Deus deixa de ser um tema explícito, tornando-se mais um parêntesis.

2.5. Descartes, o idealismo e os existencialismos

O ponto de partida cartesiano levou a um sistema de explicação de tudo o que há, interpretando tudo o que aparentemente não é pensamento, não é idéia, como consistindo em nada mais do que em ser pensado,

em ser *idéia*. Tal sistema é o Idealismo. E, desde Descartes, toda a filosofia ocidental em sua raiz é idealista.

No idealismo, o pensamento criou o mundo: as coisas se tornam *meras idéias*. Claro, as *idéias* tem um sentido diferente das *idéias* de Platão ou da filosofia medieval. A *idéia* platônica era considerada como um ente em si que existe como um objeto diante de um sujeito que a conhece, como *allás* todas as demais coisas, das quais se ocupa a filosofia grega e medieval, estão na exterioridade diante do sujeito, e nessa objetiva exterioridade eram subdivididas em substância e acidente. Por isso, gregos e escolásticos, só conheceram um modo de ser, o exteriorizar-se, o revelar-se, o abrir-se para fora para se manifestar. Desta mentalidade surgiu a definição de verdade como "*alétheia*": manifestação, des-velamento, revelação (do ser).

Na idealismo as *idéias* são algo radicalmente distinto de tudo o mais que se possa conceber. Conforme a filosofia clássica — grega e medieval — tudo podia ser classificado ou como "*ser em si*" (substância) ou como "*ser-em-outro*" (acidente). No idealismo, as *idéias* não são algo em si, nem algo-em-outro, nem substância, nem acidente. São, fundamental e unicamente, algo-para-si, um dar-se conta de si, um estar presente a si. Frente ao modo de ser como exteriorizar-se, surge agora o modo de ser como interiorizar-se, como pura reflexibilidade e pura intimidade. Este novo modo de ser se manifesta como sendo o centro ao redor do qual gira toda a realidade. É o pensamento como consciência de si mesmo: eu, no meu retorno reflexivo sobre mim mesmo e para mim mesmo, na minha interioridade.

A convicção cartesiana da solidão originária do "eu" como sujeito de todo o conhecimento pode, assim, de uma ou outra forma, apadrinhar e inspirar as mais recentes fenomenologias e filosofias da existência.

2.6. O dualismo cartesiano

Ora, se o modo de ser do eu é o ser consciência de si, é voltar-se para dentro de si, então é também trato exclusivo consigo mesmo, é retirar-se da exterioridade, fechar-se em si mesmo. E, de fato, aqui Descartes é conseqüente, dividindo a realidade irredutivelmente em "*res cogitans*" e "*res extensa*". Essa divisão possibilita o conceito de um mundo exterior, cuja realidade a teoria do conhecimento tenta indagar. A partir do problema da conexão entre mundo exterior e mundo interior, o conceito de sistema adquire significado específico na filosofia.

Ao estudar o homem, Descartes, conseqüentemente, considera o corpo humano como "um" ente dentre "muitos" outros corpos de que se ocupa a ciência natural, florescente em sua época. Desta maneira, de um lado está o eu pensante fechado sobre si mesmo como único refúgio de nossas certezas e, de outro, o mundo material, do qual o corpo humano é parte. O dualismo é tão rigoroso que, nesta visão, o homem se assemelha a uma máquina animada por um eu pensante.

O dualismo cartesiano, no entanto, apresentava aspectos práticos para o ensino na universidade e para a pesquisa científica. Se corpo e alma são apenas como dois entes justapostos, podem ser estudados independentemente do outro. Por isso, o estudo do corpo cabe aos médicos, biólogos, fisiólogos e químicos; o estudo da alma, à psicologia; as formas de expressão, às ciências da linguagem, à lógica e às outras ciências do espírito. Desse modo o ensino universitário começou a ser dividido em dois grandes blocos de ciências: as faculdades que se ocupam das ciências do espírito e as faculdades que se ocupam do estudo do mundo material, inclusive do corpo humano.

3. Conclusão

Descartes tem, sem dúvida, o grande mérito de ter conquistado para si a descoberta da subjetividade no sentido moderno do termo. Sem essa descoberta não se explicariam Kant e os outros filósofos realmente modernos.

A descoberta da subjetividade deu uma nova dimensão ao pensamento filosófico. Deu a primazia à dimensão da interioridade, em oposição à exterioridade; à subjetividade, em oposição à objetividade. Inaugura, assim, a revolução copernicana na filosofia, uma revolução de certo modo consumada em Kant. A subjetividade cartesiana dá um caráter fundamentalmente antropológico à reflexão filosófica moderna. De cosmocêntrica, que era a filosofia grega, e teocêntrica, que era a medieval, com Descartes passa a ser antropocêntrica.

Entretanto, a filosofia cartesiana implica num racionalismo tão acentuado e unilateral que deixa de ser ciência do ser (metafísica) para tornar-se ciência do pensar e do conhecer (gnosologia). Não é totalmente sem razão que alguns filósofos da existência (p. ex., G. Marcel) lhe objetam ter feito uma metafísica do pensamento e não do ser, pois ser e pensar não são idênticos. O pensar é apenas um momento do ser.

Pelo fato de postular a autonomia da razão, a filosofia cartesiana questionou radicalmente o princípio da autoridade e da tradição em todos os campos, inclusive no religioso. Por toda a Europa espalhou-se uma onda de dúvida e questionamento crítico, que aceita como única fonte do conhecimento humano ou a razão, ou a experiência (racionalismo ou empirismo filosóficos). Assim o subjetivismo cartesiano, somado ao racionalismo, produziu o idealismo alemão em todas as suas formas (Kant, Fichte, Hegel e Schelling).

Devido à tendência dualista acentuada em conceber a união corpo-
-alma, Descartes encontrou dificuldades muito sérias para o conhecimento como operação do homem global. O conhecimento torna-se, na perspectiva cartesiana, atividade exclusiva da mente. A essência da alma é o pensamento; a do corpo, a extensão. É verdade que, também segundo Descartes, pensamento e extensão podem ser considerados dois modos da substância, enquanto uma e mesma mente pode ter diversos pensamentos,

e um e mesmo corpo, retendo a mesma quantidade, pode estender-se de vários modos. Mas, em princípio, corpo e alma são duas substâncias completas. Estão unidas apenas entre si por uma determinação divina. Esta união é de composição, tornando-se, na verdade, as substâncias incompletas uma sem a outra. Por isso, a alma está verdadeiramente unida a todo o corpo e não apenas a uma parte dele.

Além disso é discutível que o problema do conhecimento humano consiste em descobrir uma primeira verdade como princípio do qual se deduzam todas as demais verdades, tornando-se, por isso, também discutível a idéia de uma "matemática universal" como critério de certeza na busca filosófica da verdade.

Referências bibliográficas

- 1) DESCARTES, Renato. **Discurso do Método**. Lisboa, Sá da Costa, 1956, p. 19-20.
- 2) *Ibidem*, p. 6.
- 3) *Ibidem*, p. 7-8.
- 4) DESCARTES, R. **Obra Escolhida**. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962, 1.^a Med., n.º 3, p. 118.
- 5) *Ibidem*, p. 120-121.
- 6) *Ibidem*, p. 121.
- 7) *Ibidem*, p. 122.
- 8) *Ibidem*, p. 122-123.
- 9) Cf. **Discurso do Método**.
- 10) DESCARTES, R. **Discurso do Método**, p. 39-40.
- 11) *Ibidem*, p. 22.
- 12) *Ibidem*, p. 41.
- 13) DESCARTES, R. **Obra Escolhida**, 2.^a Med., n.º 7, p. 128.
- 14) *Ibidem*, 5.^a Med.